

# NO CENTENÁRIO DE RAIMUNDO DE MENEZES\*

Odilon Nogueira de MATOS

Sejam minhas primeiras palavras manifestação de meu regozijo por participar desta sessão especial da Academia de Ciências, Letras e Artes dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo destinada à evocação de uma das figuras marcantes de nossa vida cultural precisamente a propósito de seu centenário. Centenário que, sem dúvida, constitui a mais marcante efeméride cultural do ano em curso.

Raimundo de Menezes, escritor cearense, mas que, logo no início de sua carreira transferiu-se para São Paulo e aqui desenvolveu toda a sua grande atividade profissional e cultural, fazendo jús, inclusive, a integrar o quadro de titulares da Academia Paulista de Letras, na cadeira que pertenceu ao nosso grande Guilherme de Almeida. Com o seu falecimento em 1984, coube a quem vos fala a honra e o privilégio de sucedê-lo no sodalício do Largo de Arouche. No discurso de posse que nos coube proferir na sessão de 25 de setembro daquele mesmo ano de 1984, ressaltamos os traços mais significativos de sua carreira literária. E salientamos também algo muito significativo e que não é comum nas sucessões acadêmicas: a grande afinidade com nosso antecessor, que fez do jornalismo e da literatura os campos prediletos de sua atividade de escritor. Do jornal para a História, às vezes da História para o jornal. Se há muito de jornalístico em alguns de seus livros, por outro lado muito de seus artigos de jornal revestem-se do sentido de permanência que só o livro dá.

---

<sup>(\*)</sup> Conferência proferida na Academia de Ciências, Letras e Artes dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo no dia 22 de maio de 2003.

Não foi curta e nem fácil a escalada de Raimundo de Menezes, desde os “verdes mares bravios” de sua Fortaleza, à curul acadêmica das margens lendárias do Tietê. Vindo para São Paulo já formado em Direito, em nosso Estado realizou carreira como Delegado de Polícia, residindo em diversas cidades do interior, vindo em seguida para a Capital, onde viveu o restante de sua longa e profícua existência. Deixou bela folha de serviços a São Paulo, não apenas na sua profissão, mas igualmente na vida cultural, ocupando cargos como, entre outros, o de presidente (e por vários mandatos) da União Brasileira de Escritores e diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade paulistana.

Enorme e valiosa foi sua produção literária: 27 livros, além do muito que ficou esparso em jornais e revistas. Houve um traço em sua carreira que muito o exaltou e enobreceu: o interesse pelas atividades de escritor, o que demonstrou de sobra nas vezes em que teve em suas mãos o destino de entidades congregadoras dos homens de letras. Outro traço que nos toca muito de perto: o interesse pela História de São Paulo, assunto a que dedicou três livros e numerosos artigos, em estilo ameno, escorreito, sem preocupação de erudição, enfim livros capazes de interessar ao grande público (tanto que alcançaram várias edições), sem contudo descambarem para a vulgaridade ou a mera fantasia, permitidas, naturalmente, em obras de ficção, mas inaceitáveis nas de História.

Não será difícil uma classificação “grosso modo” de sua bagagem literária: 1. Literatura de viagens: **Outras terras e outras gentes** e **Nas ribas do rio-mar**, com as quais começou sua carreira de escritor, publicados em 1926 e 1928, respectivamente, o primeiro resultante de uma viagem à Europa e o segundo refletindo suas experiências pela Amazônia. 2. Obras sugeridas pelo exercício de sua própria profissão: **Madrugadas de sangue**, **Crimes e criminosos célebres** e **Histórias de crimes e criminosos**, este, em colaboração com Edgard Cavalheiro. 3. Evocação do passado paulista: **Aconteceu no velho São Paulo**, **Histórias da História de São Paulo** e **São Paulo dos nossos avós**. 4. Memórias e recordações: **Coisas que o tempo leva**. 5. Biografias. Não sabemos se Raimundo de Menezes foi homem de temperamento boêmio. Nosso relacionamento com ele, bastante escasso, não nos permite deduzir qualquer coisa que confirme ou negue este traço. O que sabemos, contudo, é que ele teve uma enorme preocupação em biografar escritores boêmios: A vida boêmia de Paula Ney, Emílio de

Menezes, o último boêmio, Guimarães Passos e sua época boêmia, Aluísio de Azevedo, uma vida de romance e Bastos Tigre e a “Belle epoque”. Enfim, cinco livros que se contam entre o que há de melhor em sua produção. E além desses autores boêmios, biografou a Capistrano de Abreu (na realidade também um boêmio), a Martins Fontes, a Clovis Bevilaqua, a José de Alencar e a Campos Sales, além do livro *Escritores na intimidade*. 6. Ficção: **Romances que não foram escritos**. 7. Selção de páginas de outros autores: **Obras primas de novela brasileira e Novelas do “Decameron”**.

Deixou, ainda, sobre a Academia Paulista de Letras a **História pitoresca de quarenta cadeiras**. Este, sem prejuízo para com os demais, merece de nossa parte uma referência especial. Com ele, procurou Raimundo de Menezes quebrar um certo preconceito que havia (e ainda há...) com relação às academias e, conseqüentemente, aos acadêmicos. Seriam eles sérios demais, reunindo-se solenemente uma vez por semana (e quase sempre às quintas-feiras), para um chá com torradas ou biscoitinhos, sem compromisso com quem quer que fosse e sem nada que lhes perturbasse nessa “paz de espírito” sem nada que lhes quebrasse a sizudez de seu comportamento ou cerimônia. Conferências ou palestras? Só muito raramente, em ocasiões significativas que fizessem jús aos seus “fardões”, às vezes até ridículos, mas que serviam para as páginas sociais dos jornais do domingo seguinte à reunião.

O livro de Raimundo de Menezes veio quebrar (digamos assim) este preconceito que havia (e ainda há...) com relação às Academias, mostrando o seu lado pitoresco, alegre e também profundamente humano. Comentando-o, escreveu Hernani Donato na apresentação: “É um livro surpreendente, pois além de sumamente agradável, possibilita ao leitor uma verdadeira, autêntica e por vezes indiscreta galeria de retratos psicológicos”.

Numa entrevista a Silveira Peixoto, Raimundo de Menezes relatou como, do Amazonas veio parar em São Paulo: “Armado com o canudo de bacharel, casado, arrumei as malas e tomei o rumo da terra prometida, a Canaã dos meus sonhos: São Paulo. Atirei-me à luta pela vida. Ingressei na polícia e aqui estou, delegado regional. Mas nunca deixei de ler os meus autores prediletos: o meu sempre querido Eça, Anatole, Júlio Dantas, Rui, Nabuco, Aluísio de Azevedo...”

Silveira Peixoto interrompeu-o: “Mas, e a História? Como foi que começou essa tendência para historiador?”

Raimundo responde: “Fui delegado em Itu. Você sabe, com aquele aspecto avelhantado, aquelas casas de beirais, aquelas frontarias de azulejos, aqueles becos estreitos...” Silveira interrompe: “Então, foi em Itu?” E Raimundo responde: “Foi. A velha e tradicional cidade é, em si, uma escola viva de História. Além disso, Afonso de Taunay aparecia por lá todo mês, a inspecionar o Museu Republicano “Convenção de Itu”. O agente do Correio era o Nardy Filho. Comecei a conversar com os dois... Acabei assim: com a paixão pelos alfarrábios, pelo passado... E realmente a História, direta ou indiretamente, está quase sempre presente na obra de nosso autor. E bem poderíamos até dizer: uma história viva, eloqüente, positiva, às vezes até, como se poderia dizer, sem desdouro, tirando o muito do nada...”

Toda a sua atividade de escritor predispunha-o a uma obra onde os escritores aparecessem. Daí, o seu “Dicionário literário brasileiro”, inegavelmente sua maior obra, publicada em 1969 e reeditada, bastante ampliada em 1970. Obra esta publicada com o aval de das maiores expressões da crítica literária brasileira: Antônio Cândido para a primeira edição e José Aderaldo Castello, para a segunda. Souberam ambos, com a maestria que lhes é peculiar, realçar o interesse e o mérito do trabalho de Raimundo de Menezes, que veio preencher sensível lacuna para os estudiosos de nossa literatura. Obviamente, seu dicionário está longe de ser obra completa. Dicionário algum jamais o será. Sabemos que o autor estava trabalhando numa terceira edição, largamente atualizada, quando a morte o colheu em janeiro de 1984.

A José Aderaldo Castello, que tem dois significativos traços em comum com Raymundo de Menezes - também é cearense e também realizou-se culturalmente em São Paulo, notabilizando-se como uma dos mais criteriosos críticos literários e como professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo - tomamos de empréstimo o parágrafo final desta nossa modesta fala: “Sempre há críticas ou reparos a uma obra desta natureza (o Dicionário). Sobretudo quando é obra feita graças aos esforços quase exclusivos de uma só pessoa, esforço verdadeiramente gigantesco, dados o volume do trabalho e a extensão da pesquisa. Mas, feita com a melhor boa vontade de acertar e honestamente servir a um público geral

e amplo, desde o curioso ao especializado, desde o leitor interessado na Literatura Brasileira, estudioso e pesquisador, até as bibliotecas públicas e particulares. Se houver falhas, sempre inevitáveis, serão evidentemente sanáveis, notadamente quando o espírito aberto à colaboração e à crítica construtiva, como é o de Raimundo de Menezes dispõe-se a acatar todas as sugestões que lhe cheguem”. Infelizmente tal não pôde ocorrer dado o falecimento do nosso homenageado.

E o remate desta nossa fala não poderá ser senão um louvor a esta Academia por ser, ao que sabemos, a única entidade cultural de nossa Capital a lembrar a efeméride significativa do centenário de Raimundo de Menezes, ocorrência que passou despercebida da própria Academia de que ele foi um dos mais ilustres membros. Não sabemos se o teor de nossa palestra esteve nos parâmetros esperados ou desejados por esta Entidade. De qualquer maneira, a ocorrência centenária não terá passado “em branca nuvem” e a nós só cabe um agradecimento sincero à oportunidade que nos foi concedida.

